

Conto de Natal

«Agora que comprei um televisor de plasma, onde posso comprar umas colunas de som de plasma?», perguntava-me o leitor a quem ainda devem ter sobrado uns cobres do subsídio de Natal. E continuava: «vi umas bem fininhas num catálogo que ficavam a matar ao lado do meu novo televisor...»

> JOSÉ VICTOR HENRIQUES

Como podia eu explicar-lhe que o termo «plasma» aplicado àquelas colunas era um desvario do departamento de «marketing» do fabricante? «De plasma» não é o mesmo que «para plasma», o que quer que isso signifique. Mas ele estava tão feliz...

Do mesmo modo, o «digital ready» aplicado a colunas no século passado (refiro-me ao séc. XX) não tinha outro objectivo que não fosse enganar papalvos...

Em 1984, assisti em Paris à demonstração das únicas colunas de plasma do mundo capazes de reproduzir todo o espectro áudio: as Toltêque. A dimensão, o peso, o preço e a baixa eficiência mataram o projecto à nascença. É o que acontece quando o homem ousa roubar o fogo dos deuses: cai em desgraça e serve de mote a tragédias literárias.

O altifalante de plasma é mais uma tentativa do incansável aprendiz de feiticeiro para dominar as forças da natureza; ou, neste caso, a forma como a natureza produz som. O efeito de «corona» também conhecido por «arco cantante» é - à escala humana - o «som do trovão»: em dias de tempestade é assim que o relâmpago produz o som que em criança nos fazia esconder a cabeça debaixo do travesseiro e rezar as ladainhas ensinadas pela avó materna para que passasse depressa.

Produzir som implica movimentar ar. Para isso utilizam-se altifalantes: de papel, de plástico, de fibras várias. Todos estes materiais têm colorações acústicas próprias quando vibram. Durante dezenas de anos, procurou-se um diafragma desprovido de «cor» e de massa. As colunas electrostáticas servem-se de membranas ultrafinas que se aproximam deste desiderato. E presto aqui homenagem a Peter Walker, o criador das colunas electrostáticas Quad, recentemente falecido aos 87 anos de idade. Mas o ideal seria colocar o ar em movimento com o auxílio de apenas... ar.

Depois do fracasso das Toltêque, por enquanto só é possível movimentar, por meios puramente electrónicos, isto é, sem acoplamento mecânico, o ar suficiente para produzir sons agudos. O tweeter de plasma não tem diafragma mecânico, logo não tem massa, nem distorção, nem colorações de qualquer tipo: é o tweeter perfeito - e custa uma fortuna. Parto do princípio que o leitor, cuja pergunta me suscitou a divagação pela presente memória natalícia profunda, não estava a referir-se a colunas de «plasma» como as que aqui se descrevem...

Só passados 20 anos, ouvi de novo em Frankfurt um par de co-



ACAPPELLA TRIOLON EXCALIBUR C / TWEETER DE PLASMA (CONE DOURADO)

lunas Acapella Triolon de preço estratosférico, que também utilizam plasma para reproduzir som. Transcrevo a descrição que fiz da audição ocorrida no HighEnd Show 2003, cuja reportagem completa podem ler em www.hificlube.net:

«Acapella Triolon Excalibur, com amplificação Unison Mystery e gira-discos Clearaudio Anniversary na fonte: que velocidade, que ataque, que definição! O tweeter de plasma brilha no escuro como o olho do Ciclope mítico. Até arrepiá! Ouvir «Écloga para Flauta e Percussão», de Teruyuki Noda, em LP RCA Direct Master, é uma experiência arrasadora para os sentidos...».

O «tweeter» de plasma brilha no escuro como o relâmpago no céu, com uma estranha tonalidade de vermelho incandescente. Uma fonte de alta tensão dentro da unidade produz um arco constante (uma espécie de chama dançante viva e brilhante como a de um maçarico de acetileno) que é modulado pelo sinal musical, fazendo variar o número de electrões dentro do arco. Esta variação produz som ao colocar em movimento as moléculas de ar circundantes. Para um leigo o que se vê é o que se ouve: um som luminoso e puro como só é possível na natureza.

E contudo, nunca me senti confortável em frente das Triolon. Reparo agora que inconscientemente utilizei termos como «ciclope», «arrepiá», «arrasador». Não é só a envergadura física das colunas que intimida com as enormes cornetas ameaçando engolir-nos para dentro do labirinto sem fim dos nossos pesadelos. Tenho sempre a inquietante sensação de estar a ser observado, como se elas tivessem vida própria e aquele olho maléfico me espiolhasse os sentimentos mais íntimos, preparando-se a cada momento para me trair depois de me entorpecer os sentidos com aquela voz melíflua de computador HAL em «2001, Odisseia no Espaço».

Ou talvez fossem os medos de infância, que vindos das profundezas do ser, relembram o pavor do relâmpago divino a que se seguia o sonoro trovão, num tempo contado de olhos fechados até dez, depois vinte... já vai longe... longe:

«Deus estava zangado com os meninos hoje, por se terem portado mal...», era a receita infalível da minha avó para nos sentar a todos num canto no silêncio bonançoso que se seguia à tempestade, condição prévia para ser servido o nosso lanche e o chá dela, sorvido em pequeninos goles ruidosos ao som de um velho rádio a válvulas. Ao contrário do «tweeter» de plasma, o som daquele rádio acalmava-me: adormecia, com a cabeça coberta por uma manta de retalhos, a sonhar com o Natal que se aproximava. Foi a melhor prenda que ela me deixou - ainda o tenho.

O Menino Jesus foi simpático comigo: hoje posso ouvir os melhores equipamentos de som do mundo. Mas não trocava o velho rádio a válvulas da minha avó por umas colunas Triolon...